

PROFESSORES DE SOCIOLOGIA ESCOLAR: PROBLEMATIZANDO ALGUMAS QUESTÕES.

Guilherme dos Santos Oliveira

(Universidade Federal Fluminense, guilherme_oliveira@id.uff.br).

Resumo: Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa e de cunho descritivo que retrata um quadro preocupante das escolas estaduais do Estado do Rio de Janeiro: professores não formados nos cursos de Ciências Sociais ministrando aulas de Sociologia na escola básica sem a formação para tal função. A questão que se coloca é a seguinte: será que para lecionar a disciplina de Sociologia é necessário que haja uma formação específica ou qualquer professor pode ministrar essa disciplina? Como observado e documentado nas entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa, muitos alunos e professores não se incomodam com a presença de profissionais não qualificados ensinando Sociologia, pois acreditam que as aulas só servem para “bate-papo”, ou seja, é uma disciplina em que eles precisam apenas dar “opiniões” sobre determinados fenômenos que acontecem na sociedade, e que dessa maneira qualquer pessoa se torna apta para ministrar esse conteúdo disciplinar. Por outro lado, os alunos em função dessa situação desprezam toda a especificidade que a Sociologia enquanto ciência construiu através dos anos, desde o seu surgimento no século XIX até os dias atuais. A amostra da pesquisa compõe-se de seis professores de Sociologia da educação básica do estado do Rio de Janeiro. Três professores com formação específica na área das Ciências Sociais e três professores com formação em áreas afins. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de uma discussão mais aprofundada no sentido de compreender melhor a forma como a disciplina de sociologia é abordada e tratada na escola pública do estado do Rio de Janeiro. Constatou-se uma expressiva diferença em como professores de Sociologia, formados em Ciências Sociais, ensinam a disciplina em suas aulas, comparada às aulas de muitos professores que não possuem formação em Ciências Sociais, porém conseguem a habilitação para lecionar a disciplina mesmo sem a qualificação necessária para a função.

Palavras-Chave: Sociologia Escolar; Professores de Sociologia; Educação Básica.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Sociologia na escola básica é hoje uma realidade, traduzindo-se em um campo que cada vez mais desperta as atenções do Estado e da Academia. Contudo, esse quadro nem sempre foi assim e é preciso identificar os fatos e processos que contribuíram à construção do estado presente da disciplina.

Acreditando no professor e defendendo sua qualificação, condição também para sua profissionalização, é que afirmo ser fundamental que o professor de Sociologia da escola básica seja, obrigatoriamente, um Licenciado em Ciências Sociais.

Ao investigar a Prática de Ensino de Ciências Sociais enquanto espaço/processo de construção de identidade profissional, Queiroz (2012) alerta para a necessidade de se pensar a relação teoria x prática concatenando-a as outras questões de fundamental importância no processo de formação do professor de sociologia da escola básica.

Nesse sentido, esse artigo busca compreender e defender a importância da formação do professor de sociologia da escola básica, tentando visibilizar uma prática constante dentro das escolas de ensino médio que é a atuação de professores licenciados em áreas afins atuando no ensino da Sociologia escolar.

2. FORMAÇÃO DE PROFESSOR

Repensar a formação de professores a partir da análise das práticas pedagógicas e docentes tem se revelado uma das demandas mais importantes nos dias atuais (Queiroz, 2012; Tardif, 2002; Nóvoa, 2002; Zeichner, 1997). Suportando essa perspectiva está o entendimento de que as teorias da reprodução, que nas décadas anteriores tanto colaboraram para explicar o fracasso escolar, demonstrando sua produção enquanto reproduções das desigualdades sociais não são suficientes para a compreensão das mediações pelas quais se opera a produção das desigualdades nas práticas pedagógica e docente que ocorrem nas organizações escolares.

Pesquisas recentes têm se voltado à análise da prática docente, indagando-se por que, nas práticas pedagógicas e nas organizações escolares, se praticam teorias outras que não necessariamente aquelas produzidas pelas recentes investigações das ciências da educação. Em decorrência, têm colocado em foco a formação de professores.

Em relação à formação inicial, estudos têm demonstrado que os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da

realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco tem contribuído para gestar uma nova identidade do profissional docente.

É nesse contexto que as pesquisas sobre a prática estão anunciando novos caminhos para a formação docente. Um deles refere-se à discussão sobre a identidade profissional do professor, tendo como um de seus aspectos a questão dos saberes que configuram a docência.

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que forme o professor. Ou que colabore para sua formação. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. Dada à natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática necessários à compreensão do ensino como realidade social, e que desenvolva neles a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores.

Ao investigar a Prática de Ensino de ciências de Ciências Sociais enquanto espaço / processo de construção de identidade profissional (Queiroz, 2012), o autor alerta para a necessidade de se pensar a relação teoria x prática concatenando-a a outras questões de fundamental importância no processo de formação do professor de sociologia da escola básica:

A dicotomia teoria e prática nos remetem a questões que precisam ser melhor investigadas. O abismo entre a parte específica e a parte pedagógica do currículo dos cursos de licenciatura representa problemas significativos nas práticas pedagógicas dos professores da escola básica. O problema do distanciamento entre a formação dos estudantes de licenciatura do cotidiano escolar revela problemas de dimensões bastante preocupantes. (QUEIROZ, 2012).

A identidade do professor de Sociologia da escola básica não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente

situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como respostas às necessidades questão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; das revisões das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem à inovação porque preenches de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor conferem à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

3. O PROFESSOR DE SOCIOLOGIA X FORMAÇÃO ACADÊMICA

Acreditando no professor e defendendo sua qualificação, condição também para sua profissionalização, é que afirmo ser fundamental que o professor de Sociologia da escola básica seja, obrigatoriamente, um Licenciado em Ciências Sociais.

Tal questão coloca-nos diante de uma situação que, simultaneamente, revela e encobre algo muito importante: o conceito de trabalho docente. Embora afirmemos que ele é e deve ser uma práxis, mais especificadamente uma práxis criadora, a ideia aparentemente clara apresenta-se ainda obscura em sua essência. Daí a importância de buscar a apreensão do seu significado.

Essa busca, referenciada numa prática de sala de aula e de observação, foi orientada pelo conceito de trabalho humano em geral e suas formas de organização na sociedade capitalista. Considerando, ainda, que a sala de aula é o espaço privilegiado da ação docente e que esta se revela no seu cotidiano.

A docência passa a ser vista como trabalho a partir de sua profissionalização, que ainda apresenta uma série de limitações sociais, econômicas, políticas e culturais. Além de individual o objeto do trabalho docente é também social. Sua origem de classe e seu gênero o expõem a diferentes influências e experiências que repercutem em sala da aula provocando diferentes reações e expectativas no(a) professor(a) e alunos(as). Neste sentido, Tardif (2002, p. 130) nos alerta que “o objeto do trabalho docente escapa constantemente ao controle do trabalhador, ou seja, do professor.” Outra característica destacada pelo autor é a dimensão afetiva presente no ensino que

pode funcionar como elemento facilitador ou bloqueador do processo de ensino-aprendizagem. Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos. (Tardif, 2002, p. 130). O trabalho docente constrói-se e transforma-se no cotidiano da vida social; como prática, visa à transformação de uma realidade, a partir das necessidades práticas do homem social.

Na docência, mais que em outros trabalhos, utilizam-se e integram-se os diversos conhecimentos sociais e culturais que o professor possui como pessoa, além de sua formação profissional. Este fato é iniludível, dada à complexidade da situação docente, complexidade que se dá tanto na relação com o conhecimento escolar como na relação social com os alunos.

O trabalho desenvolvido pelo professor na sala de aula expressa a síntese de um saber pedagógico possuído pelo professor. Saber (es) que adquirido(s), em parte, nos cursos de formação profissional se acumulam e consolidam na prática em torno do ensino que forma a base real de funcionamento das escolas e que abre o espaço possível para o apoio à transformação da experiência escolar.

Na escola, a divisão do trabalho acontece, pois, de forma bastante contraditória. Diferentemente do modo de produção material, na escola pública, a cisão concepção – execução é mais formal que real. Embora existam normas legais a serem seguidas (cumpridas), nem sempre a prática cotidiana da escola corresponde a essas normas. Cada instituição possui a sua própria lógica, suas possibilidades e limitações, que constituirão o contexto da prática docente. Compõem este contexto as normas institucionais, as condições materiais da escola, os recursos físicos, as condições objetivas de trabalho, a organização escolar do espaço e do tempo, as prioridades de trabalho que resultam da negociação entre autoridades, professores, alunos e pais. Isso explica, mas não justifica, porque encontramos professores atuando fora de suas áreas de formação acadêmica nas escolas básicas.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Essa pesquisa é qualitativa e de cunho descritivo. Entende-se por pesquisa qualitativa, o método que difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas.

A abordagem qualitativa é uma abordagem metodológica que se justifica por se aprofundar “no mundo dos significados e das ações humanas, um lado não perceptível, não captável em equações, média ou estatística” (MINAYO, 1993, p.21).

Os sujeitos da pesquisa foram 06 professores de sociologia da escola básica. Dois professores do sexo masculino e quatro professoras do sexo feminino. A idade dos professores está em torno de 30 a 40 anos e todos são concursados, para exercerem a profissão na rede pública do Estado do Rio de Janeiro.

A investigação foi realizada durante seis meses, na cidade do Rio de Janeiro – RJ, ouvindo os professores e visitando turmas de ensino médio em diferentes salas de trabalho.

Após a coleta as informações, através de entrevistas, conforme documento que demonstra a entrada do pesquisador no campo, decodificaram-se 02 dados levantados e construiu-se uma análise dos mesmos que será apresentada numa seção específica desse artigo.

5. RESULTADOS DA PESQUISA

Esse item tem por finalidade apresentar os resultados da pesquisa. A amostra da pesquisa compõe-se de seis professores de Sociologia da escola básica, do estado do Rio de Janeiro. Três professores com formação específica na área das Ciências sociais e três professores com formação em áreas afins.

Os dois professores formados em História possuem especialização em Sociologia e atuam nas escolas públicas estaduais do município do Rio de Janeiro ministrando aulas de Sociologia, habilitados pelo SEEDUC-RJ, além de ministrarem aulas como professores de História, suas áreas de formação iniciais.

O que é bastante curioso e me chamou atenção é que um desses professores não possui a graduação em licenciatura. Esse profissional é bacharel em História e atua como professor, ele dá aulas de Sociologia graças à habilitação fornecida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

A outra profissional é professora com licenciatura plena em Filosofia, mas também possui especialização em Sociologia e atua nas escolas públicas estaduais do município do Rio de Janeiro ministrando aulas de Filosofia e Sociologia, habilitada pela SEEDUC-RJ.

No último item da pesquisa existe uma problemática que há algum tempo vem sendo bastante questionada: “Qualquer professor, de qualquer área, pode dar aulas de Sociologia?”. Essa pergunta foi feita aos entrevistados para saber suas opiniões sobre tal polêmica.

Ao final da entrevista, nos deparamos com uma incoerência nas respostas. Três deles responderam que não, não é necessária uma formação específica em Sociologia, uma vez que a disciplina de Sociologia conversa muito com as áreas afins de História e Filosofia, e que por qualquer defasagem que o professor tenha, ele pode buscar uma especialização para que se sinta mais completo e seguir ministrando aulas de uma disciplina que ele não foi “formado”, mas que possui capacidade de atuar em tal função.

Em contrapartida outros três professores demonstram em suas respostas que sim, que para lecionar Sociologia é fundamental que os professores tenham uma formação na graduação em Ciências Sociais – licenciatura porque segundo eles, cada disciplina tem a sua especificidade, sua linguagem, suas demandas e suas particularidades e por esse motivo não é qualquer professor que pode ministrar aulas de Sociologia na Escola Básica.

No panorama geral, metades dos entrevistados disseram que professores de outras áreas do conhecimento podem lecionar a disciplina de Sociologia, desde que haja um preparo para que eles consigam desenvolver e se dedicar a disciplina e transpor o conteúdo próprio da sociologia sem fazer com que isso comprometa a qualidade e seriedade do ensino.

Já a outra metade dos professores entrevistados é contra esse tipo de artimanha porque alegam que não tem como um professor de outra área de formação inicial que não seja as Ciências Sociais ministrar aulas de Sociologia, uma vez que assim como toda ciência já estabelecida, a Sociologia tem sua especificidade própria, suas convicções, suas demandas e suas teorias, ou seja, tem toda uma historicidade enquanto ciência também já consolidada desde o século XIX.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao me debruçar sobre a Prática Pedagógica dos professores de Sociologia da escola básica na tentativa de compreender a identidade desses profissionais, alerto para questões de fundamental importância no processo de formação do professor de sociologia desse nível de ensino, uma vez que a pesquisa demonstra a existência de professores, com formação em áreas afins, atuando como professor de Sociologia no ensino médio.

Reafirmo que a identidade do professor de Sociologia da escola básica não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta às necessidades que estão postas pela sociedade, adquirindo estatuto de legalidade.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; das revisões das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem à inovação porque preenche de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor conferem à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Se aceitarmos professores de áreas afins atuando como professor de Sociologia, não estaremos construindo uma identidade do desse professor com coerência, clareza e adequação.

Defendo que a formação inicial do professor de Sociologia não deve ser pautada em currículos formais com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar. Esses programas/processos de formação têm se mostrado pouco eficientes para alterar a prática docente e, conseqüentemente, as situações de fracasso escolar, por não tomarem a prática docente e pedagógica escolar nos seus contextos. Ao não as colocar como ponto de partida e o de chegada da formação do professor de sociologia, acaba por, tão somente, ilustrar individualmente o professor, não lhe possibilitando articular e traduzir os novos saberes em novas práticas.

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial em Ciências Sociais se espera que forme o professor de sociologia escolar. Ou colabore para sua formação. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professor não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. Dada à natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura em Ciências Sociais que desenvolva nos alunos, futuros professores de

Sociologia, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino de sociologia como prática social lhes coloca no cotidiano da escola básica.

REFERÊNCIAS

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis. Vozes, 1994, p 21.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão Professor.** 5. Ed. Porto: Portugal, 2002.

QUEIROZ, Paulo P.A **Prática de Pesquisa e Ensino como Espaço/Processo de Construção de Identidade Profissional.** In: NIKITIUK, Sonia L.(Org.) Repensando o Ensino de História. – 8. ed. – S. Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p.130.

ZEICHNER, K. M.A **Formação Reflexiva de Professores, Ideias e Práticas.** Lisboa: Educação, 2003.